

PSEUDOPOLARIZAÇÃO NO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO

THE FALSE POLARIZATION OF BRAZILIAN POLITICAL SCENERY

Lídia Jade Almeida Ferreira de Siqueira
Armstrong Henrique de Lima Almeida
Harrison Alexandre Targino

RESUMO: O presente artigo que tem por título “A pseudopolarização no cenário político brasileiro”, analisa de forma prática e bem embasada da falsa dualidade apresentada aos brasileiros no que concerne ao meio político e suas vertentes, colocadas frequentemente como polos magnéticos completamente repulsivos um ao outro. Todavia, conforme defende este conteúdo científico, tal antagonismo ideológico vem de muito antes da divisão esquerda-direita apresentada frequentemente pelos canais midiáticos, tendo suas raízes inveteradas no não tão distante passado escravocrata da nação brasileira e sendo cada vez mais difundido com essa hiperindividualização do indivíduo sempre em detrimento do outro invisível, que nada mais é do que a propagação dualista afirmante da preponderância exclusiva de um pensamento, ao passo em que a outra ideologia estará fadada ao esquecimento e ojeriza coletiva. A redemocratização do cenário político brasileiro deveria vir arraigada dos mais fortes princípios do pluralismo político e ideológico, entretanto surge o aparente orgulho na falta de diálogo, segregando a visão política dos demais cidadãos e reduzindo a liberdade de expressão ampla, a algo restrito a dois polos. Através dos levantamentos bibliográficos realizados para a elaboração científica do presente artigo estudam-se o arcabouço histórico da divisão político-ideológica no Brasil, além de demonstrar as consequências de tal divisão na possibilidade democrática de progresso. Sendo assim, conclui-se como enfoque do mesmo modo, a apresentação desta ilusória divisão, tendo em vista que a mesma encontra-se bipartida meramente no diálogo de seus representantes e na mente de seus defensores, ao passo que a realidade e os conchaves políticos ocorrem de forma quase unitária, visando unicamente o poder e a perpetuação do domínio da máquina pública; de modo que enquanto o país segue dividido por uma imaginária e tênue linha ideológica, os representantes políticos demonstram a inveracidade da polarização ao passo que os mesmos coadunam entre si, de forma não tão secreta, não com o objetivo de sua defesa ideológica, como fazem os seus seguidores através de sangue e suor, mas sim com o seu escopo alocado em interesses particulares e produtores de benefícios exclusivos.

PALAVRAS-CHAVE: Pseudopolarização; cenário político; esquerda-direita; ideologia; linha imaginária; fundamento.

ABSTRACT: This article, entitled "The pseudo-polarization in the Brazilian political scene", analyzes in a practical and well-grounded way the false duality presented to Brazilians in what concerns the political environment and its aspects, often placed as completely repulsive magnetic poles to each other. However, as this scientific content argues, such ideological antagonism comes long before the left-right divide, often presented by media channels, whose roots are inveterate in the not so distant slave-owning past of the Brazilian nation, and being increasingly widespread with this hyperindividualization of the individual always to the detriment of the invisible other, which is nothing more than the affirming dualistic propagation of the exclusive preponderance of a thought, while the other ideology is doomed to collective oblivion and neglect. The redemocratization of the Brazilian political scenario should be rooted in the strongest principles of political and ideological pluralism, however, the apparent pride arises in the lack of dialogue, segregating the political vision of the other citizens and reducing freedom of expression broadly restricted to two poles. Through the bibliographical surveys carried out for the scientific elaboration of the present article the historical framework of the political-ideological division in Brazil is studied, besides demonstrating the consequences of such division in the democratic possibility of progress. Thus, the illusory division of this illusory division is concluded as a similar approach, considering that it is only divided in the dialogue of its representatives and in the minds of its defenders, whereas reality and the political conchaves occur almost unitarily, aiming solely at the power and perpetuation of the domain of the public machine; so that while the country is still divided by an imaginary and tenuous ideological line, political representatives demonstrate the untruthfulness of polarization, whereas they co-exist with each other, not so secretly, not with the objective of their ideological defense, as they do its followers through blood and sweat, but rather with its scope allotted to private interests and producers of exclusive benefits.

KEYWORDS: Pseudo-polarization; political scenario; left-right; ideology; imaginary line; basis.

1 RESULTADOS E DISCUSSÕES

1.1 A polarização política: um debate ontológico

De acordo com o vernáculo da língua portuguesa o termo “polarização”, termo este frequentemente utilizado nas ciências ao falar de fenômenos físicos e químicos, quando usado analogamente no campo mais abstrato das ideologias, faz menção ao ato polarizar, a concentração de energias em torno de uma ou mais situações. A política por sua vez, de acordo com Jose Jairo (2017, p. 28), “tem por missão estabelecer, primeiro, a maneira de viver que leva ao bem, à felicidade; depois, deve descrever o tipo de Constituição, a forma de Estado, o regime e o sistema de governo que assegurem esse modo de vida”.

Sendo assim, ao levantar a ontologia da discutida polarização em seu âmbito sócio-político é estabelecido seu conceito como a atração dos afins em grupos de condizente perspectiva ideológica, refletindo assim seus estigmas na busca da almejada política impecável e primorosa. Fato este, utópico e fértil apenas em uma realidade política não democrática, tendo a impossibilidade de uma política que atinja a ânsia de toda a população em suas mais diferentes e conflitantes esferas, de modo que o que se almeja é uma política favorável para si e para os seus, que coloque seus próprios interesses a frente dos demais, sem o devido trato para com todos conforme é dever político baseado no mais basilar princípio da isonomia, visando assim, o tratamento igualitário, buscando o bem coletivo, o amadurecimento social e o progresso para com todos, de forma igual na medida da desigualdade de cada um.

A mais adequada forma de apresentar a realidade condizente com o verdadeiro intuito da dita “política consentânea” diz respeito a política em sua forma de poder, de modo que esta ao sair do âmbito teórico da formação e adequação do estado propiciando o bem e a felicidade para o maior número possível pessoas, transveste-se de sua forma de poder, sendo assim o poder político. O ilustríssimo jurista Jose Jairo Gomes, parafraseando o autor italiano Norberto Bobbio, traz a seguinte afirmação como o poder político em sua essência como:

O poder político se caracteriza pelo uso (efetivo ou potencial) da força, da coerção, com exclusividade em relação aos outros grupos que atuam num determinado contexto social. Nas relações interindividuais, apesar do estado de subordinação criado pelo poder

econômico (o que se evidencia, e. g., nas relações de trabalho, com destaque para a que se estabelece entre empregador e empregado) e da adesão passiva aos valores ideológicos transmitidos pela classe dominante, “apenas o emprego da força física consegue impedir a insubordinação e domar toda forma de desobediência. Do mesmo modo, nas relações entre grupos políticos independentes, o instrumento decisivo que um grupo dispõe para impor a própria vontade a um outro grupo é o uso da força, isto é, a guerra”. (GOMES, 2017, p. 29)

Sendo assim, é certo, manifesto e até mesmo democrático a existência de divergias políticas, visando a própria preservação do princípio regente do direito eleitoral que faz menção ao pluralismo, que tem por objetivos promover a pluralidade política e coibir a hegemonia política, sendo esta a própria natureza do debate. Entretanto não se deve confundir pluralidade com polarização, pois enquanto a primeira é a exteriorização de uma saudável democracia representativa, a segunda apresenta-se como um fato patológico e agremiador da realidade política, levando ao conflito constante os indivíduos de uma mesma sociedade, que deixam de buscar a melhora efetiva de seu corpo social para manter uma desavença desgastante e não proveitosa tanto na área científica como no ambiente político.

Desta forma, é possível observar no cenário político brasileiro a mais típica forma de polarização, aquela em que as proposições ideológicas dividem-se comumente em dois polos, sendo de costume a desqualificação da oposição mediante discursos falaciosos, nos quais o que mais importa é a cega defesa de sua ideologia e o completo desprezo e desdém para com o opositor. Sendo assim, como já dito anteriormente, esta polarização em nada enriquece a tal defendida e aclamada democracia cuja carta magna do país tanto ovaciona, transformando a mesma em um mero sonho distante e de concretização pouco auspiciosa, tendo em vista que em um ambiente de polarização não é possível propor um meio termo ou equilíbrio entre as ideologias propostas, sendo levado em conta apenas a obra ao todo, no qual a não identificação com uma parte de certo discurso coloca o indivíduo automaticamente no polo oposto, sendo este tratado como um opositor, beirando uma guerra onde sobrevivera única e exclusivamente uma ideologia.

1.2 Um levantamento histórico acerca da polarização política

O fenômeno político da polarização vai muito além das fronteiras brasileiros, sendo uma realidade, muitas vezes explosiva e de drásticas consequências, que já atingiu inúmeros países no passado e continua fazendo suas vítimas em solo democrático, diga-se de passagem que o ambiente deste solo é perfeito para a proliferação de políticas pouco

públicas, ideais individualistas, e uma luta desenfreada para afirmação constante de um lado ou uma ideia tida por certa transformadora do caos, nem sempre tão caótico, instaurado na dita sociedade. A exemplo disto pode citar a divisão ideológica que se deu território britânico ao ser levantada a questão do “brexit”, que de fato culminou na saída do Reino Unido da União Europeia, outro claro exemplo que pode ser citado diz respeito aos diálogos pouco amistosos tidos entre o líder Kim Jong-un e o polêmico presidente dos Estados Unidos, e até mesmo a intervenção deste país citado no Conflito na Síria, de forma que estes fatos retratados apontam claramente que os “muros ideológicos” estão sendo apresentados em uma escala mundial, indo muito além das linhas que definem o território brasileiro.. Todavia, ainda assim, é deveras obscuro e labiríntico o terreno de explanação acerca do surgimento dos polos políticos e dos embates constantes que deste meio de dissidência são originados, sendo poucos os estudiosos que se dedicam ao estudo desta origem e a busca da força motriz que em pleno século XIX ainda mantém acesa a chama não democrática da polarização.

Ainda assim, a história não tão antiga da nação brasileira permite um levantamento histórico que visa compreender como o campo plural da política, deu lugar a um ambiente restrito, de propagação de ódio e debates restritos. Desta forma, inicialmente, conforme propõe o doutorando Eduardo Migowski (2017), a primeira pergunta ser feita deve ser “por que de tempos em tempos o Brasil é rachado ao meio pela força devastadora das ideologias políticas?”, de tal questionamento é possível perceber que não é algo tão moderno esta linha imaginária traçada entre os brasileiros, os quais dividem-se em polos visando a defesa do que moral e economicamente lhe aprouve, ignorando o preceito físico que aponta a atração entre os opostos e comprovando que no meio social e político os afins que desenvolvem atração entre si, ao ponto de criarem um muro ideológico tão resistente quanto qualquer ideia propagada, ao mesmo tempo que tão intransponível quanto qualquer muro físico já estabelecido, ajuntando os seus e repelindo o dito “inimigo”.

O Brasil, dependente economicamente dos demais países, no início de sua fundação demonstrava sua polarização no que condizia aos imigrantes, logo em seguida no que diz respeito a manutenção do sistema escravocrata, pois enquanto a perduração de tal sistema era extremamente rentável para aqueles grandes proprietários de escravos e estes assim

queriam mantê-lo, os jovens visionários com formação recém adquirida fora do país vinha com novos ideais revolucionários e abolicionista, dividindo assim a consciência política dos brasileiros. Todavia, desde estes remotos tempos que aparentam ser tão longínquos na linha temporal do Brasil é possível observar a polarização fundamentada em interesses próprios, sejam estes econômicos ou ideológicos.

Prosseguindo historicamente, um país de longo histórico escravocrata, fruto de disputas de domínio territorial, e cuja passado perdurou em uma sociedade aristocrata de castas bem definidas, demonstra desde sua fundação o conflito de interesse entra os detentores do poder e os anseios sociais daqueles em situações não favorecidas, despontando sua primeira polarização política nos antigos partidos denominados Partido Trabalhista Brasileiro e o partido político da União Democrática Nacional, o extinto UDN. Enquanto o primeiro, reconhecendo com proveito a união de dois fatores predominantes na realidade brasileira: o amplo acesso ao voto, aliado à pobreza, alastrada de forma ainda mais ampla, ao eleger com seu apoio quatro presidentes no conturbado cenário político brasileiro; O UDN por sua vez, composto predominantemente por políticos dotados de ideológicas liberais clássicas e conservadoras, por mais conflituosa que tal afirmação aparente ser, surgiu em oposição as ditas implantações populistas do governo de Getúlio Vargas, afirmando as soluções de mercado e da iniciativa privada.

Por fim, pode-se afirmar que tais divergências bipartidas acompanham o cenário político brasileiro até os dias atuais, entretanto apresenta-se revestido de discursos ora bem embasados teoricamente com requintes de sarcasmos quanto ao opositor, ora acalorados cujo fundamento não passa de pura ideologia e opinião retratando exclusivamente o discurso de ódio para com a outra parte. Ainda assim independentemente de sua apresentação, a polarização política ideológica no Brasil é real e não mais debate acerca de escravidão ou de governos populistas, mas sim acerca da direita e da esquerda, temáticas estas tidas como as mais em voga, mesmo que muitas vezes seus defensores não compreendam nem mesmo o que defendem.

1.3 Esquerda-direita

No ano de 1789 foi possível vislumbrar pela primeira vez na história a divisão entre esquerda e direita no cenário político mundial. Tal divisão, em plena revolução francesa se

deu entre os jacobinos e os girondinos, quando os primeiros, conhecidos por seu extremismo, sentavam-se a esquerda da Assembleia Nacional, e os maleáveis e liberais girondinos sentavam-se a direita deste mesmo salão. Sendo assim, estava estabelecida a concepção de esquerda e de direita tão retratadas por tantos cenários políticos a mais de 200 anos, distinção esta que em algum período da história política mundial deve ter expressado a mais pungente significância, todavia, com o passar do tempo, com a mescla das ideologias e as necessidades de alianças políticas não se sabe mais se de fato os indivíduos e seus representantes permanecem tão fieis a suas doutrinas.

Norberto Bobbio (1995), renomado jurista, trata em seu livro *Esquerda-Direita* acerca até da própria existência da esquerda e da direita, todavia quando tal questionamento é trazido para solo brasileiro deve-se questionar se ainda existe direita na política brasileira e se algum dia já houve uma verdadeira vertente da política brasileira que seja representante da esquerda em seu princípios e ideologias. O autor, ao trabalhar timidamente dentro da díade esquerda-direita, defende sim que mesmo após a queda do muro de Berlim de fato pode ser tratada ainda desta polemica dicotomia, tendo em vista que esta polarização se mantém bem presente nos principais cenários políticos. A dúvida que resta é se de fato essa polarização tem o mesmo caráter das antigas divisões como a silenciosa guerra fria, conseqüentemente para sanar tal dúvida é necessário diferenciar as formas de governo de esquerda das formas de governo da direita, tendo em vista que so é possível a adequação quando se tem ciência das diferenças por mais simplórias que estas sejam.

Bobbio, Ao tratar acerca da dicotomia política, cita o brilhante filosofo francês Marcel Gauchet quando explana um pouco acerca de ambas, ao afirmar que:

Independente do que vier a ocorrer, direita e esquerda têm hoje uma vida autônoma com respeito à matriz em cujo interior foram originariamente desenvolvidas. Conquistaram o planeta. Tornaram-se categorias universais da política. Fazem parte das noções de base que informam genericamente o funcionamento das sociedades contemporâneas. (BOBBIO, 1995, p. 15)

Sendo assim, pode-se afirmar que as “grandes dicotomias”, dotadas de caráter excludente e pouco democrático, reduzem o campo de atuação político ao delimitarem uma área ideológica de pensamento e desconsiderarem a hipótese da simultaneidade de ambos os polos políticos em um mesmo movimento, expressando assim seu despoite

reciprocamente excludente. É notória a possibilidade da dupla antieticidade entre ambas, como também é existente a eventualidade entre a cooperação entre as mesmas. Entretanto no campo da política, diferentemente da sociologia, filosofia e outros campos de atuação por parte do saber, a díade ideológica atua de forma muito mais intensa e ortodoxa, fornecendo poucas possibilidades de não enquadramento doutrinário aqueles que discordam, mesmo que minimamente, de seus preceitos, assemelhando-se assim a uma disputa esportiva, cujos polos serão sempre antagônicos perpetuados através do discurso de ódio.

A crise ideológica, quando motivada na turva dicotomia esquerda-direita passa a ter ares de dúvidas quanto a distinção de ambas e até mesmo do seu desaparecimento. Bobbio ao afirmar a constante crise ideológica como uma ideologia em si, reitera que:

“Esquerda” e “direita” não indicam apenas ideologias. Reduzi-las a pura expressão do pensamento ideológico seria uma indevida simplificação. “Esquerda” e “direita” indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente a ação política, contrastes não so de ideias, mas também de interesses e de valoração a respeito da direção seguida, contrastes que existem em toda sociedade e que não vejo como possam simplesmente desaparecer (BOBBIO, 1995, p. 33).

Hannah Arendt (2014), em seu livro a *Condição Humana*, ao entrelaçar profundamente o conceito de ação política a condição de existência do homem no mundo, categoriza três institutos de fundamental importância: o trabalho, o labor e ação. O último instituto, denominado ação, quando qualificado, através da política torna-se uma possibilidade de solução entre os contrapostos polos da esquerda e da direita, tendo em vista que, para a autora, a ação e a política surgem ao passo da pluralidade ideológica e consequentemente a liberdade cujo todo homem é dotado dentro dos limites sociais que a ele é imposto. Desta forma a tradução da ação política como elucidação de tal óbice dual é dada no âmbito da autodeterminação interna de cada homem no que condiz a suas virtudes políticas e doutrinárias, deixando o homem toda forma de prisão e sendo alforriado a seguir as vertentes ideológicas próprias.

Continuando ainda no debate acerca da esquerda-direita, por mais dual que este debate seja, ainda é possível vislumbrar a presença de um “Terceiro-incluído”, conforme denomina Bobbio àquele ponto intermediário, e portanto contrastante a ambos os lados, entre os tão antagônicos polos políticos, mas ainda assim não descaracterizando a nenhum dos dois e nem eliminando as suas diferenças que os tornam antagônicos. Ainda é possível

identificar na política o chamado “Terceiro-Inclusivo”, este por sua vez nada mais é do que a conciliação entre a esquerda e a direita, ocupando assim o espaço entre que se faz bem presente entre estas diretrizes, impedindo a sua aproximação e conseqüentemente o seu choque, tornando real uma possibilidade política de terceira via, através de uma forma conciliatória entre os dois extremos e portanto uma solução centrista mediante simultânea aceitação.

O extremismo abruço propagado por ambas as vertentes reafirma nada mais nada menos do que uma doutrina tida como anti-iluminista, tendo em vista seu caráter não libertador, como deveria ser política e antidemocrático, de modo que, ainda citando tão egrégio jurista italiano, Norberto Bobbio, pode-se dizer que:

Um extremista de esquerda e um extremista de direita tem em comum a antidemocracia (um ódio, senão um amor). Porém a antidemocracia aproxima-os não pela parte que representam no alinhamento político, mas na medida em que representam as alas extremas naquele alinhamento. Os extremos se tocam (BOBBIO, 1995, p. 53)

Por fim, mesmo que a pluralidade partidária e de ideologias seja um mecanismo institucional fundamental para a manutenção da democracia, quando este ultrapassa os limites do aceitável, medido mediante o princípio da proporcionalidade e da razoabilidade, identificasse novamente a presença de uma polaridade política, sendo notório a danosidade da extrema divisão política dentro de um território nacional, a ponto da impossibilidade da liberdade de expressão, conforme ocorrem em ditaduras. Todavia, surge ainda uma última situação possível nas hipóteses de polarização, sendo essa a denominada pseudopolarização, fato patológico ainda mais danoso para a população em geral, gerando benefícios exclusivamente para os detentores do poder e aos que a eles convém.

2 A PSEUDOPOLARIZAÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A SOCIEDADE NO BRASIL

“Falácias Estatutárias”, este termo formado da junção de duas belas palavras do idioma português definem uma falsa proposição administrativa, foi utilizado sabiamente pelo Doutor Renildo Carvalho (2016) em seu esclarecedor artigo científico acerca da esquerda e da direita no Brasil. Muito se extrai dessa definição da polaridade política em solo tupiniquim, demonstrando assim que tudo o que foi retratado até agora não passa de uma pseudopolarização, ou seja, uma polaridade falsa, inventada, que é manifesta

exclusivamente na mentalidade de seus defensores, enquanto o que ocorre por detrás das cortina políticas são completamente diferentes, pois enquanto as ruas e fóruns da internet aparentam ser verdadeiros campos de futebol divididos através da violência, a cortinas de Brasília encobrem apertos de mãos e camaradagem entre os representantes de tais ideologias em solo político. De forma alguma o que se deseja é a divisão também em recinto tão solene, mas a partir daí surge o questionamento acerca da veracidade dos discursos defendidos fervorosamente instigando cada vez mais seus seguidores a esta luta truculenta que descaracteriza a mais frívola bandeira da liberdade intelectual e de expressão.

Enquanto a Constituição Federal de 1988, dita “constituição cidadã”, estava a ser formulada exclusivamente pelos mais puros ideias liberais, sendo protegida pela então “direita”, passa a ser defendida de todas as formas pela “esquerda”, mediante as conquistas e avanços derivadas dos esforços deste mesmo grupo, passando a ser pauta da vertente mais conservadora a busca pelas mudanças. Tal mudança de posicionamento apenas revela a fragilidade ideológica da nação brasileiro, sensível ao ponto de rejeitar a segurança social proposta pela carta magna da nação e a observa-la apenas como uma forma de propagação da ideologia opositora.

Mesmo não sendo possível identificar de forma concreta as causas desta diáde pode-se afirmar que em solo brasileiro a mês é estabelecida de forma falsaria, tendo em vista que, mesmo com o infrutífero solo das redes midiáticas para o debate, o cenário político é estabelecido a base de acordos, não tão secretos, e conchavos políticos que os olhos dos seguidores de ambas as ideologias deveria parecer um despautério, beirando a traição mais manifesta possível. E engana-se aquele que vislumbra tais mancomunções datados a pouco tempo conforme os acordos de longa data estabelecidos entre o PT e o PMDB para a manutenção do poderio a frente da máquina pública. Um exemplo histórico de tal fato foi a aliança firmada entre Getúlio Vargas, político tido por tirânico e de iniciativas populistas, buscando uma maior estabilidade governamental, aliou-se ao conservador Café Filho, visando um suposto equilíbrio estatal e tranquilidade do mercado, entretanto, como já se sabe através dos anais da história, tal aliança estava fadada ao fracasso. O único elo possível de ser estabelecido entre os extremos é a própria

extremidade sempre carregada de uma grande porção de antidemocracia, tendo em vista que ao juntar as oposições os ideais da população não serão igualmente juntos, mas sim ludibriados.

Todavia, mesmo com tal histórico, o Brasil vem se mostrando cada vez mais o ambiente de uma arena de conflitos, cujo o único objetivo é o poder, independente de com quem é necessário aliar-se para obtê-lo, enquanto isto o povo mais uma vez assiste bestializado um confuso cenário ideológico, beirando um teatro no qual não se sabe quem são os verdadeiros e quais deles propagam a verdade.

No cenário político brasileiro é desafiante, para não se dizer impossível, a identificação de um partido exclusivamente de direita ou um partido integralmente de ideais de esquerda, o que se encontra são partidos cujo discurso afirmam seguir uma vertente ideológica, todavia afirmação de ser algo não significa que o mesmo é; tal afirmação vai além de belas palavras de oratória e necessita ser atuante na dura e confusa realidade brasileira, mas não de forma “antiética e excludente” tal qual define a esquerda-direita Norberto Bobbio, mas de forma integralizadora, cujo alvo de tais alocações que vão além da compreensão popular, seja a real melhora das condições de vida do povo brasileiro, não a semente de ódio desenfreado para como o “outro invisível”, aquele divergente de sua opinião ou em circunstancia desfavorável em relação a sua, conforme aponta Christian Dunker (2015), sempre colocando a culpa das mazelas sociais no adversário e nunca se colocando como culpado e conseqüentemente possível agente modificador das circunstâncias indignas que a população brasileira é submetida constantemente no decorrer da evolução societária da mesma, sempre a mercê de um “salvador em potencial”.

A pseudopolarização no cenário político brasileiro em vez de ampliar o saudável debate democrático, ampliando as escolhas de melhora da sociedade, traz conseqüências de ódio ampliado, sendo este o reflexo do extremismo propagado e bombardeado constantemente; de manutenção indigna do poder por parte daqueles que aproveitando-se do seu discurso dicotômico permanecem em situação vantajosa para si e para os seus, além da constante instabilidade política que assola o país. É necessário um olhar cauteloso para com as políticas públicas, um tato sensibilizado para com a população e os seus anseios,

entretanto enquanto o único objetivo da classe política for a permanência do *status quo* é pouco provável a mudança desta falsa polarização propagada com o único intuito de “dividir para conquistar”, ou seja, a população não sabe de forma precisa quais seus anseios de representatividade, todavia eles sabem qual sua repulsa, e este é o artefato utilizado nos discursos políticos, dividindo assim a sociedade brasileira, enquanto a classe política se mostra cada vez mais unida através de uma barreira de proteção e interesses.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo científico, ao tratar de temática tão delicada quanto a polarização política estabeleceu um objetivo além do trato no concernente a este falacioso discurso dicotômico repassado constantemente aos cidadãos brasileiros, mas também apresentou as tão danosas consequências de tal propagação no que diz respeito aos reflexos sociais e ao uso da máquina pública e de sua administração. Sendo assim, foi possível concluir que em um figurado “campo de batalha” tão complexo quanto o da política brasileira, os mais prejudicados, como em qualquer conflito de partícipes da administração pública, é a população, tendo em vista que os mesmos, ao seres ludibriados, qual a falsa sensação de escolha, propagam de igual forma as insinceridades proferidas pelos representantes de tal ideologia. Neste passo é possível citar ainda o renomado francês Jean Paul Sartre, o qual afirma que “A direita e a esquerda são caixas vazias”.

Em conclusão, a realização de tal trabalho acadêmico foi de fundamental importância para a compressão e análise da complexidade e suntuosidade cuja a política brasileira é dotada, tendo de tempo em tempos uma quebra democrática, seja ela explícita ou implícita, mas de ambas as formas continua perdurando suas consequências até os dias atuais, demonstrando sempre a forma cíclica em que trabalha a sociedade e seus mecanismos, além de despontar a necessidade conhecimento, para que mais uma vez não continue a se repetir fatos, que futuramente são observados tão negativamente.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitari, 2007.

BOBBIO, Norberto; (trad) Marco Aurélio Nogueira. **Esquerda e direita: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: da universidade estadual de São paulo, 1995

CARVALHO, Renildo. **No Brasil, direita e esquerda são falácias estatutárias**.

Disponível em:

<<https://google.com.br/amp/s/renildocarvalho.jusbrasil.com.br/artigos/397925438/no-brasil-direita-e-esquerda-sao-falacias-estatutarias/amp>> Acesso em: 29 abr. 2018; 16:46

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-Estar, Sofrimento e Sintoma: Uma psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo, 2015.

GOMES, José Jairo. **Direito Eleitoral**. 13. ed. São paulo: Atlas, 2017.

MIGOWSKI, EDUARDO. **Origens Da Polarização Brasileira: Guia Para Entender A Nossa Política**. Disponível em:

<<https://voyager1.net/historia/para-entender-as-origens-historicas-da-polarizacao-brasileira/>> Acesso em: 29 abr. 2018; 16:46.